

Os Felizes Reinos Sem História. A temática da inocência e as reflexões sobre o mito adâmico e a democracia em *The Golden Bowl* de Henry James

Luiza Larangeira da Silva Mello*

Resumo: A obra de Henry James é, nas letras norte-americanas, um dos mais significativos legados da tradição que, desde o segundo decênio do século XIX, discute a relação entre a identidade nacional e o mito adâmico. James integra uma vertente desta tradição que pensa criticamente tal relação e tem como predecessores homens de letras como Herman Melville, Nathaniel Hawthorne e seu pai, Henry James Sr. O objeto deste texto são as reflexões de James acerca do mito do Adão americano na sua contemporaneidade, apresentadas de maneira quase alegórica em *The Golden Bowl*, último romance acabado de James.

Palavras-chave: Henry James; democracia; literatura norte-americana.

Abstract: Henry James's work is, in the American letters, one of the most important legacies of the traditional debate about the relation between national identity and the Adamic myth. James takes part in a group, inside the debate, which takes a critical approach of the myth and his predecessors are men like Herman Melville, Nathaniel Hawthorne and his father Henry James Sr. The subject of this text is James's thoughts about the American myth in his time, presented as an allegory, in *The Golden Bowl* – the last of his novels.

Key-words: Henry James; democracy; American literature.

*“The happiest reigns, we are taught, you know, are the reigns without any history”
(Henry James. The Golden Bowl)*

No Jardim

“Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente. Iahweh Deus plantou um jardim no Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: ‘Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás porque no dia em que dela comeres terás que morrer.’” (Gn 2, 7-9;16-17)

Maggie Verver, uma jovem e rica norte-americana, prestes a se casar com um príncipe italiano cuja fortuna foi dilapidada por gerações de perdulários antepassados, garante que o que lhe atrai em seu noivo aristocrático não é a sua “porção individual”, única e singular, mas os elementos que o vinculam a estes mesmos antepassados – que o vinculam, por assim dizer,

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutoranda. CAPES.

à história. E vai ainda mais longe, dando a entender que “sem os arquivos, anais, e infâmias” (JAMES, 2000: 7), referentes à história de sua linhagem, a porção individual de seu noivo, seu *single self*, não teria lugar neste mundo. Desde as primeiras páginas, a leitura de *The Golden Bowl* desvela, no entanto, por trás da atração de Maggie pela substancialidade histórica de seu noivo, a ausência, em sua própria vida, de semelhante vínculo com a história. O príncipe, em contrapartida, diz sentir-se oprimido e espoliado pela história. “Os mais felizes reinos,” proclama ele, “são os reinos sem nenhuma história.” (*ibid.*)

A história é, simbolicamente, neste romance de James, o elemento de distinção fundamental entre a cultura nacional norte americana e o que se poderia chamar, de maneira bastante generalizante, de cultura européia. “Se a história conta a tal ponto naquilo que fala à imaginação de James,” nota Mona Ozouf, “pode-se dizer que a geografia tem também a sua palavra decisiva, e a grande distribuidora de lugares é a oposição entre a velha Europa e a jovem América” (OZOUF, 1998: 40). O termo “história” confunde-se conceitualmente, por vezes, com uma noção imprecisa de passado e, por outras, com a idéia de tradição – tanto no que concerne a uma acepção abstrata de tradição, quanto referindo-se a uma tradição cujo conteúdo é específico, ainda que um tanto vago. Trata-se, neste caso, de uma tradição cultural cuja base são sociedades estratificadas segundo um modelo aristocrático, o qual entra em declínio, na Europa, a partir do século XVIII, e se desmantela de maneira irreversível sob a pressão das revoluções liberais deflagradas ao longo do século XIX. O contraponto desta tradição específica é o modelo de sociedade desenvolvido na América do norte, a partir do século XVII, e que, ao final do século XVIII e princípio do XIX, vai se consolidar no modelo sócio-político que informa a democracia americana. Em *The Golden Bowl*, a história se apresenta sob a forma de anais, arquivos e infâmias, mas também sob a forma de obras de arte, as quais apenas as sociedades aristocráticas, depositárias das tradições de uma civilização milenar, são capazes de produzir. Maggie e seu pai, Adam Verver, são colecionadores de objetos de arte, adquiridos durante anos de peregrinação na Europa e destinados a constituir o acervo de um museu nos Estados Unidos. O próprio príncipe é classificado, pela jovem noiva, como parte deste acervo: um “objeto de valor” (*an object of price*), um “*morceau de musée*” (*ibid.*: 8).

A acepção mais abstrata de tradição é, contudo, o sentido predominante do termo “história” no romance. Nessa vertente de significado, história remete tanto àquela noção vaga de passado, quanto às noções de temporalidade e contingência. Ao longo de toda a primeira parte do romance, a despeito de afirmar contundentemente não temer a história (*ibid.*: 7), Maggie, tal como seu pai, acredita viver em um reino sem história, fora do tempo, em uma

espécie de idílio em que é possível preservar-se inocente e aspirar à simplicidade e à perfeição moral através da rejeição do reconhecimento da existência do mal no mundo (NUSSBAUM, 1992, pp. 125-147). Nas palavras do príncipe, pai e filha vivem “no estado dos nossos primeiros pais antes da Queda” (JAMES, 2000: 232). Em *The Golden Bowl*, James tematiza, de forma quase alegórica, através destes dois personagens, o mito do Adão americano como mito fundador da identidade nacional nos Estados Unidos. Ao fazê-lo, James tematiza também – e, desse modo, dele toma parte – o debate intelectual que, há quase um século, mobilizava os mais eminentes círculos das letras norte-americanas.

O Adão americano representava, segundo R. W. B. Lewis, “uma figura de heróica inocência e vasto potencial, posta no início de uma nova história” (LEWIS, 1975: 1) a ser construída a partir de um marco zero, fazendo tábula rasa das tradições da velha Europa:

“The new habits to be engendered on the new American scene were suggested by the image of a radically new personality, the hero of the new adventure: an individual emancipated from history, happily bereft of ancestry, untouched and undefiled by the usual inheritances of family and race; an individual standing alone, self-reliant and self-propelling, ready to confront whatever awaited him with the aid of his own unique and inherent resources. It was not surprising in a Bible reading generation, that the new hero (in praise or disapproval) was most easily identified with Adam before the Fall. Adam was the archetypal man. His moral position was prior to experience, and in his very newness he was fundamentally innocent.” (LEWIS, 1975: 6)

O mito do Adão americano e a idéia de que a sociedade norte-americana era marcada, na fórmula de Edward Everett, por uma radical “separação da Europa” (*apud.*, *ibid.*: 5) não eram apresentados, na primeira metade do século XIX, apenas em tom apologético. Àqueles que, como Whitman, Emerson e Thoreau, consideravam o mito uma insígnia do orgulho nacional – os quais Lewis classifica como integrantes do “grupo da esperança” –, opunham-se os “nostálgicos” do passado colonial. Calvinistas ortodoxos, reunidos sobretudo em centros como Andover e Princeton, denunciavam a corrupção dos valores cristãos dos pioneiros. Para os “nostálgicos”, os hábitos e valores que informavam as sociedades modernas, sobretudo nas grandes cidades, eram os responsáveis pela degradação do novo Éden, erigido pelos colonos puritanos do May Flower na *wilderness* americana, em Sodoma e Gomorra contemporâneas. Nesta perspectiva, o Adão americano há muito fora expulso do paraíso e carregava a marca do pecado original. A “separação da Europa” assumia, por conseguinte, um valor negativo e significava o afastamento da tradição puritana dos séculos que se seguiram à Reforma. “Nostálgicos” e “esperançosos” representavam as duas faces da mesma moeda: “a negação do passado gerou, em compensação, uma nova nostalgia, uma nova veneração do passado na sua

qualidade de passado.” (*ibid.*: 8) Em seus discursos, ambos os grupos operavam com os mesmos conceitos e categorias e as palavras-chave mais recorrentes eram: passado e presente, pecado e inocência, experiência e novidade, o mal e a esperança, memória, tradição.

Entre os homens de letras que integravam o debate acerca da identidade nacional e seu mito fundador, Lewis identifica ainda um terceiro grupo – que nos interessa particularmente uma vez que partimos do pressuposto de que James é seu herdeiro direto –, a que chama de “grupo da Ironia”. Adeptos de um ambíguo tradicionalismo e de um otimismo trágico, os “irônicos” acreditavam haver uma relação orgânica entre o passado e o presente a qual não se podia negligenciar em favor de um de seus termos. Entre os mais eminentes membros deste grupo, encontravam-se Nathaniel Hawthorne, Herman Melville e o pai do nosso autor, o teólogo Henry James Sr. Este último buscou enfatizar, reiteradamente, em seus ensaios, a tragicidade que há no âmago da própria idéia de inocência e o fato de que a percepção da existência do mal no mundo e do sofrimento a que os homens estão sujeitos em sua vida terrena – oriundos da falibilidade da sua natureza –, pode assumir um caráter humanizador e positivo.

Embora James pertença a uma geração posterior, os temas centrais de sua ficção, bem como os de seus textos de crítica literária e seus relatos de viagem, desenvolvem-se em torno da relação entre a história (tanto em sua acepção mais abstrata, quanto naquela que se refere à tradição cultural europeia) e o sentimento, um tanto ou quanto difuso e impreciso, de atualidade atemporal e perene, que marca o imaginário da democracia americana. A temática da viagem do jovem americano – ou, muito freqüentemente, da jovem americana – pela Europa é a representação tipicamente jamesiana da tensão entre a inocência e a tradição, entre os abstratos valores bíblicos que fundamentam a democracia nos Estados Unidos e os hábitos, costumes, *façons de vivre* cuja concretude social é patente. É, em outras palavras, a tensão entre a atemporalidade em que vive Adão, antes da Queda, e a história. Esta tensão traduz-se na dificuldade de combinar o desenvolvimento do senso moral e a apuração do sentimento estético nos indivíduos. Ozouf chega mesmo a afirmar que, para James, se este último somente pode se desenvolver plenamente na Velha Europa, aquele forma um vínculo indissolúvel com a democracia americana.

É comum, entre os comentadores de James, a observação de que a tensão se resolve em favor da tradição, do passado, dos lugares em que a criação artística encontra uma atmosfera propícia. Londres, Paris, as cidades italianas, os arredores de Florença, a casa de campo inglesa possuem, para James, um “charme misterioso” (OZOUF, 1998: 44) que emana da doçura do passado e constitui um alimento imprescindível à *Bildung* do jovem artista. Sem

pretender negar a preferência de James pelas paisagens européias, no que se refere ao cultivo do espírito, e a dificuldade encontrada pelo autor em conjugar excelência nas artes com a democracia norte-americana e sua base puritana, o que se quer aqui argumentar é que a tensão de que estamos tratando não se resolve na obra de James. Ele não oferece uma solução. Tampouco sugere que se escolha entre a virtude e a beleza ou entre a inocência democrática e a tradição histórica. James é suficientemente tocquevilleano para aceitar a democracia como uma força irresistível. O século em que nasceu e escreveu a maior parte de sua obra tornou fato incontestável a impossibilidade de se escapar dessa força. Se, no entanto, a tensão entre democracia e tradição é insolúvel, talvez ela possa ser orientada de forma positiva.

A interpretação de *The Golden Bowl*, que aqui se propõe, pretende mostrar que, para James, a superação do estado de edênica inocência e a tomada de consciência da tragicidade inerente à tensão entre democracia e história constituem, ética e esteticamente, as saídas mais interessantes para os impasses da modernidade. Isso porque, para começar, James percebe muito claramente – como bom “irônico” – que a “separação da Europa” é uma falácia: o mito do Adão americano fundamenta-se na tradição puritana e, mais amplamente, na tradição judaico-cristã que marcou profundamente as relações culturais, sociais, políticas e econômicas do que, genericamente, podemos chamar de Ocidente. O Adão americano possui, ele também, uma história.

Paraíso Perdido

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh tinha feito. Ela disse à mulher: ‘Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?’ A mulher respondeu à serpente: ‘Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.’ A serpente disse então à mulher: ‘Não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comeres, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.’ A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também ao seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus;” (Gn 3, 1-7)

R. W. B. Lewis nota que, de modo geral, as narrativas ficcionais que tratam da história de Adão e da Queda de maneira explícita e, por vezes, mesmo literal, são as obras tardias na carreira dos escritores americanos: “os trabalhos em que eles buscaram resumir toda a sua experiência da América.” (LEWIS, 1975: 6)¹ *The Golden Bowl* foi o último romance acabado

¹ *The Marble Faun*, no caso de Hawthorne, e *Billy Bud*, no de Melville.

de Henry James, publicado pela primeira vez em 1904. Três anos depois, James encontrava-se já empenhado na publicação da edição nova-iorquina de sua obra, incluindo uma série inédita de prefácios do autor. Este é o momento, portanto, em que James busca delinear os traços que definirão o caráter de sua obra e do seu papel como escritor. É também o momento de redefinição da sua relação com a sua terra natal: em 1907, James publica a compilação de seus relatos de viagem aos Estados Unidos, intitulada *The American Scene*. Nestes relatos, o autor, viajante em sua própria pátria, simultaneamente nativo e *outsider*, dá expressão às suas impressões acerca da democracia americana. Não de suas facetas política, cívica ou econômica que, segundo ele, podem ser estudadas à distância, mas “da forma pela qual elas determinam e qualificam hábitos, sentimentos, comunicações, modos de contato e concepções de vida” (JAMES, 1946: 55) que somente podem ser percebidas *in loco*. Neste conjunto heterogêneo de textos, produzidos no primeiro decênio do século XX, a democracia americana e seu mito fundador surgem não somente de forma explícita, como também inseparável das reflexões acerca do papel do escritor e do processo criativo do artista.

Em *The Golden Bowl*, as referências ao mito adâmico se multiplicam. O personagem, cuja inocência nomeia-se literalmente, é norte-americano e chama-se Adam. Mais importante, porém, é o fato de que os choques que a inocência sofre, ao longo da narrativa, e a maneira como a relação entre ética e estética é rearranjada são representativos do modo como James lida com a tensão anteriormente referida. Pode-se dizer que James trata, em termos weberianos, da tensão entre indivíduo e mundo típica da ascese puritana. A maneira com que o espírito puritano da cultura nacional norte-americana é representado no romance em questão é, no entanto, muito particular. Para Weber, o puritano se crê ferramenta de um Deus transcendente e, por conseguinte, trabalha com diligência e um exacerbado autocontrole, dispondo da sua vocação e de seu saber especializado para impor ao mundo as leis divinas. A expressão “dominação racional do mundo” (*rational mastery of the world*) é contrastada, por Weber, à “adequação racional ao mundo” (*rational adjustment to the world*) (WEBER, 1968: 248), típica do racionalismo confuciano. A ética confuciana, ética de ajustamento, de adaptação, abriga um âmbito de negociação com o mundo que se encontra ausente na ética protestante. É através da negociação que o confuciano reduz ao mínimo possível a tensão ética na sua relação com o mundo exterior. O puritano jamais negocia com a realidade mundana: ele impõe à realidade sua ordem e sua norma, que são a ordem e a norma divinas. Ele estabelece, portanto, uma relação radicalmente tensa com o mundo. Em *The Golden Bowl*, a tensão entre indivíduo e mundo não se traduz no esforço de dominação do mundo, mas em uma espécie de *comteptus mundi* que implica uma fuga, uma retirada (ou, talvez, seja mais

apropriado dizer, no caso de Maggie, uma recusa de entrar no Mundo), mais próxima à ascese monástica medieval. A tentativa de escapar do mundo – e, por conseguinte, do tempo e da história – não elimina a tensão, antes a sublima, e a incapacidade de adaptação e negociação de que fala Weber, permanece. Maggie Verver – a personagem que, como vimos, representa a inocência do Adão americano por excelência – é incapaz, no início do romance, de estabelecer qualquer tipo de negociação com o mundo. É incapaz, até mesmo, de perceber a necessidade de negociação. Negociação implica improvisação e Maggie não pode improvisar, uma vez que o imprevisto pressupõe uma relação com o contingente e com o inesperado, impensáveis em um mundo idílico de valores ideais.

No início da primeira parte do romance, Fanny Assingham diz que Maggie “não nasceu para conhecer o mal.” (JAMES, 2000: 47) Como metáfora para uma vida feliz, Maggie escolhe a taça de ouro e cristal, arredondada, harmônica, sem imperfeições, sem protuberâncias, sem rachaduras. A felicidade que Maggie procura é, no entanto, uma felicidade idílica, uma felicidade ideal, inexistente no mundo das contingências. “Todas as famílias felizes se parecem,” diz Tolstói, na abertura de *Anna Kariênina*, “cada família infeliz é infeliz à sua maneira.” (TOLSTÓI, 2005: 17). O mal é sempre contingente, porquanto humano. A incapacidade de perceber a existência do mal tem como consequência a incapacidade de perceber uma versão humana, não divinizada do bem – ou, como quer Nussbaum, de perceber valores humanos. Valores que podem e devem ser atribuídos a pessoas e sentimentos, não valores como aqueles associados a obras de arte. A recusa de Maggie em conhecer a porção individual do príncipe e a tentativa de transformar a sua porção “histórica” em *morceau de musée* implica uma estetização de valores que, a princípio, pertencem ao âmbito da ética. Como se pode ver, a complexidade da narrativa de James, tanto na forma quanto no conteúdo, impossibilita que suas questões sejam resumidas simplesmente através da oposição combinada dos pares ética/estética, Estados Unidos/Europa, democracia/aristocracia. No romance de James, a aspiração à perfeição moral gera uma cegueira ética e a inocência se sustenta através da estetização de valores morais e assimilação das pessoas como obras de arte.

O equilíbrio e a harmonia requeridos pela inocência são, todavia, extremamente precários. Como nota Nussbaum, “o mundo de *The Golden Bowl* é um mundo decaído, no qual a inocência não pode ser e não é preservada de forma segura.” (NUSSBAUM, 1992: 133) O seguinte trecho do diálogo entre Fanny Assingham e seu marido, ao fim da primeira parte do romance, aponta para a impossibilidade de preservação da inocência adâmica:

“...Maggie was the person in the world to whom a wrong thing could least be communicated. It was as if her imagination had been closed to it, her sense altogether sealed. That therefore,’ Fanny continued, ‘is what will now have to happen. Her sense will have to open.’

‘I see.’ He nodded. ‘To the wrong.’ He nodded again, almost cheerfully – as if he had been keeping the peace with a baby or a lunatic. ‘To the very, very wrong.’

But his wife’s spirit, after its effort of wing, was able to remain higher. ‘To what is called Evil – with a very big E: for the first time in her life. To the discovery of it, to the knowledge of it, to the crude experience of it.’ And she gave, for the possibility, the largest measure. ‘To the harsh, bewildering brush, the daily chilling breath of it. Unless indeed’ – and here Mrs Assingham noted a limit – ‘unless indeed, as yet (so far as she has come, and if she comes no further), simply to the suspicion and the dread. What we shall see is whether that mere dose of alarm will prove enough.’

He considered. ‘But enough for what then – if not enough to break her heart?’

‘Enough to give her a shaking!’ Mrs Assingham rather oddly replied. ‘To give her, I mean, the right one. The right one won’t break her heart. It will make her,’ she explained – ‘well, by way of a change, understand one or two things in the world.’

‘But isn’t it a pity,’ the Colonel asked, ‘that they should be the one or two that will be the most disagreeable to her?’

‘Oh, “disagreeable” – ? They’ll have had to be disagreeable – to show a little where she is. They’ll have had to be disagreeable to make her sit up. They’ll have had to be disagreeable to make her **decide to live**².’ (JAMES, 2000: 222)

O trecho é longo, mas extremamente representativo da dimensão trágica que a inocência assume no romance. A “estupidez”, diz Fanny Assingham, no final do diálogo a que pertence este trecho, “levada até certo ponto é (...) imoralidade. Da mesma forma, o que é moralidade senão aguda inteligência?” (*ibid.*: 53). Decidir viver é, para heroína do romance de James, comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, desse modo, relacionar-se com valores éticos na contingência, i. e., na história. Conhecer o mal é, para Maggie, abandonar o estado idílico e viver na história – e viver uma história. Conhecer o mal é abandonar a aspiração à perfeição moral em prol da capacidade de fazer escolhas morais – escolhas que implicam improvisação e negociação com o mundo.

“O mundo de *The Golden Bowl* é um mundo decaído”. Em outras palavras, o mundo que James representa é o mundo que tem como símbolo o mundo pós-Queda, apresentado no livro do Gênesis, i. e., um mundo em que a integração absoluta, perfeita e natural entre a divindade e o homem deixa de existir. Tal integração é desfeita pela desobediência do homem, pela quebra da sua fé ingênua em Deus. A astúcia da serpente e a curiosidade de Eva, que induzem ao pecado original e à separação fundamental entre o homem e Deus, tornam-se, contudo, virtudes imprescindíveis para a sobrevivência neste mundo decaído. A heroína do romance de James passa, ao longo da narrativa, por um processo de amadurecimento, de abandono da condição de infantil e beatífica inocência, para aquela de adulta responsável por

² Grifo meu.

suas escolhas morais e consciente do elemento contingencial dessas escolhas, consciente do mal existente no mundo (e também do bem) e em si mesma, i. e., consciente de sua falibilidade. A heroína de James é, ao fim do romance, o Adão após a Queda – o Adão redimido pela Queda. É o homem que experimenta a história, nas palavras de Henry James Sr., em sua “profundidade trágica” (*out of the profoundest tragic depths*) (*apud* LEWIS, 1975: 58), i.e., que experimenta a história através de seus paradoxos, acasos e incidentes. É o homem que, modelado em argila por Deus, modela-se a si próprio na história. E, modelando-se, negocia com o mundo que lhe é hostil desde que deixou o jardim do Éden, mas que é, desde então, o único mundo em que lhe cabe viver.³

Bibliografia:

AUERBACH, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

JAMES, H. *The American Scene.* New York: Charles Scribner’s Sons, 1946.

_____. *The Golden Bowl.* Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2000.

LEWIS, R. W. B. *The American Adam. Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteen Century.* Chicago; London: The University of Chicago Press, 1975.

NUSSBAUM, M. *Flawed Crystals: James’s *The Golden Bowl* and Literature as Moral Philosophy.* In: _____. *Love’s Knowledge. Essays on philosophy and literature.* New York; Oxford: Oxford University Press, 1992.

OZOUF, M. *La muse démocratique. Henry James ou les pouvoirs du roman.* Paris: Calmann-Lévy, 1998.

TOLSTÓI, L. *Anna Kariênina.* São Paulo: Cosac Naify, 2005.

WEBER, M. *The Religion of China.* New York: Free Press; London: Collier-Macmillan, 1968.

³ Cf., A interpretação proposta por Erich Auerbach do Antigo Testamento, em comparação à épica homérica, é de grande interesse para o argumento que aqui se desenvolve. De acordo com Auerbach, ao contrário das histórias contadas na *Ilíada* e na *Odisséia*, que são apresentadas sob o signo da lenda, o Velho Testamento se pretende eminentemente histórico. Não se trata apenas de pretender-se uma realidade histórica objetiva, mas da historicidade que caracteriza suas personagens. A idéia de modelagem e de evolução histórica das personagens é fundamental nesse contexto: “o Velho Testamento oferece este caráter de história das personalidades como modelagem daqueles que Deus escolheu para o desempenho dos papéis exemplares.” (AUERBACH, 1976: 15)